



Ruído na linha

Miro Teixeira ainda procura brechas para entrar na Justiça contra aumento das teles. Pág. 6

Economia & THE WALL STREET JOURNAL AMERICAS

TERÇA-FEIRA, 1 DE JULHO DE 2003

Máximo desempenho
Recordes das exportações chegaram ao limite, diz Furlan. Página 9



BC reduz previsão de crescimento do País a 1,5% Economia Brasil 07

Índice é o mesmo do ano passado, e adia 'espetáculo do crescimento' prometido pelo governo Lula

SHEILA D'AMORIM

BRASÍLIA – Ainda não será em 2003 que o País verá o "espetáculo do crescimento" anunciado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O Banco Central (BC), que já havia previsto crescimento de 2,8% em dezembro do ano passado e de 2,2% em março, reduziu novamente suas previsões. Pelas contas do BC, mesmo convivendo com uma inflação de 10,2% este ano – bem maior do que a meta ajustada de 8,5% fixada pelo governo em janeiro –, a economia deverá crescer apenas 1,5%, o mesmo índice verificado no ano passado, quando o Brasil enfrentou a maior crise de confiança da história recente.

Num cenário mais otimista, que leva em conta uma redução forte dos juros no último trimestre do ano, projetada por analistas de mercado, e também uma taxa de câmbio mais desvalorizada, o crescimento, ainda assim, ficaria em 1,8% neste ano. É uma taxa bem menor do que

As condições estão sendo criadas não só para a redução da inflação, mas também para a retomada do crescimento

Ilan Goldfajn, diretor do BC

a prevista pelo Fundo Monetário International (FMI) para outras economias emergentes. O Chile, por exemplo, deverá crescer 3,1% este ano, segundo o Fundo. Para a Argentina, a previsão é de 3%, para o México, 2,3% e para Rússia, 4%.

Apesar dos números desanimadores para o Brasil, que constam do relatório trimestral de inflação divulgado ontem, o diretor demissionário de Política Econômica do Banco Central, Ilan Goldfajn, afirma que as bases para a retomada do crescimento num futuro próximo estão asseguradas. "As condições estão sendo criadas não só para a redução da inflação, mas também para a retomada do crescimento", afirmou. Ele destacou que o governo mantém o compromisso com o ajuste fiscal, o déficit externo está

em torno de zero e deverá encerrar o ano em 0,9% do Produto Interno Bruto (PIB), a inflação começa a convergir para a trajetória desejada pelo governo e as reformas de que o País precisa estão sendo encaminhadas. Ainda assim, argumenta o diretor, não dá para definir o momento exato da tão esperada virada.

"Não tem um dia D, um dia específico. Estamos construindo as condições para o crescimento." Por isso mesmo, Goldfajn, que deixa o governo hoje, após quase três anos à frente da diretoria de Política Econômica, prefere não fazer previsões para 2004. Na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), a previsão do governo é de um crescimento de 3,5% no ano que vem.

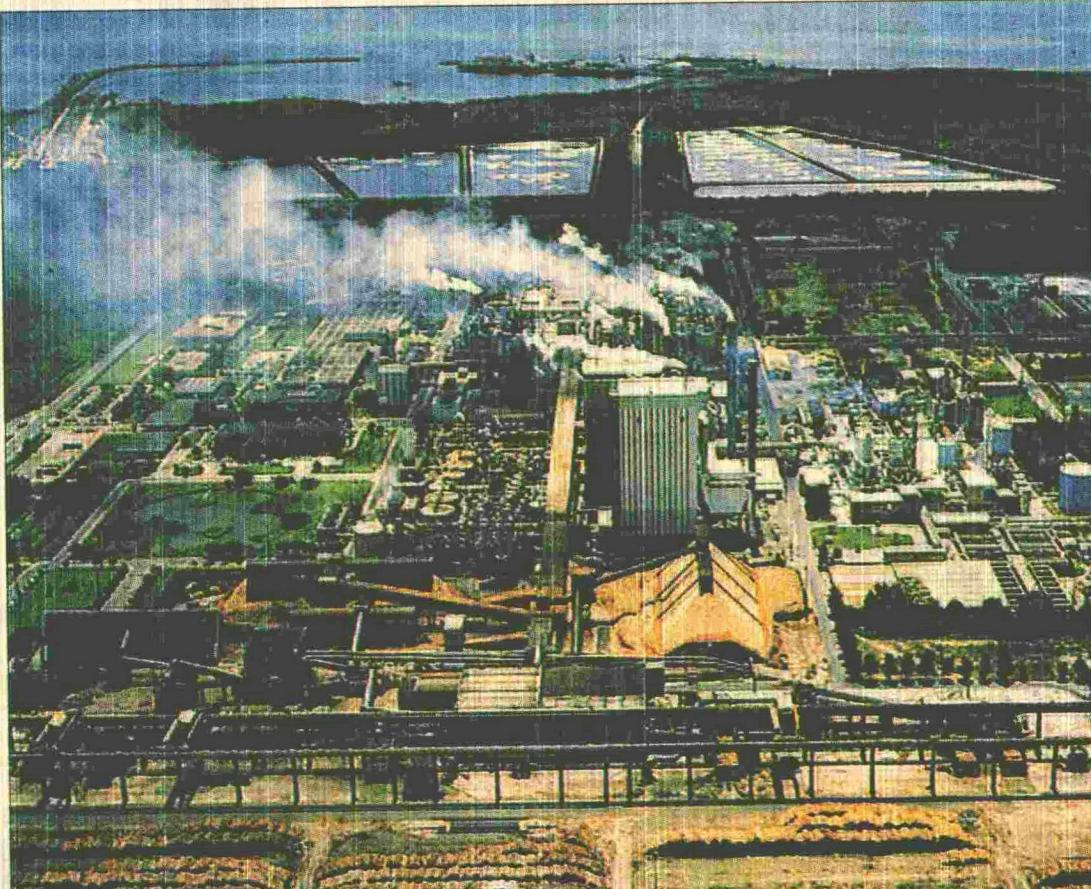
Segundo o diretor do BC, ao contrário do que aconteceu no ano passado, o crescimento em 2003 não será puxado exclusivamente pelas exportações. De acordo com o relatório trimestral de inflação, "a contribuição do setor externo para o crescimento econômico em 2003 deve

continuar sendo positiva, apesar de em menor grau que em 2002". Os técnicos do BC destacam que, já no primeiro trimestre deste ano, as exportações "não contribuirão com a mesma intensidade para o crescimento da de-

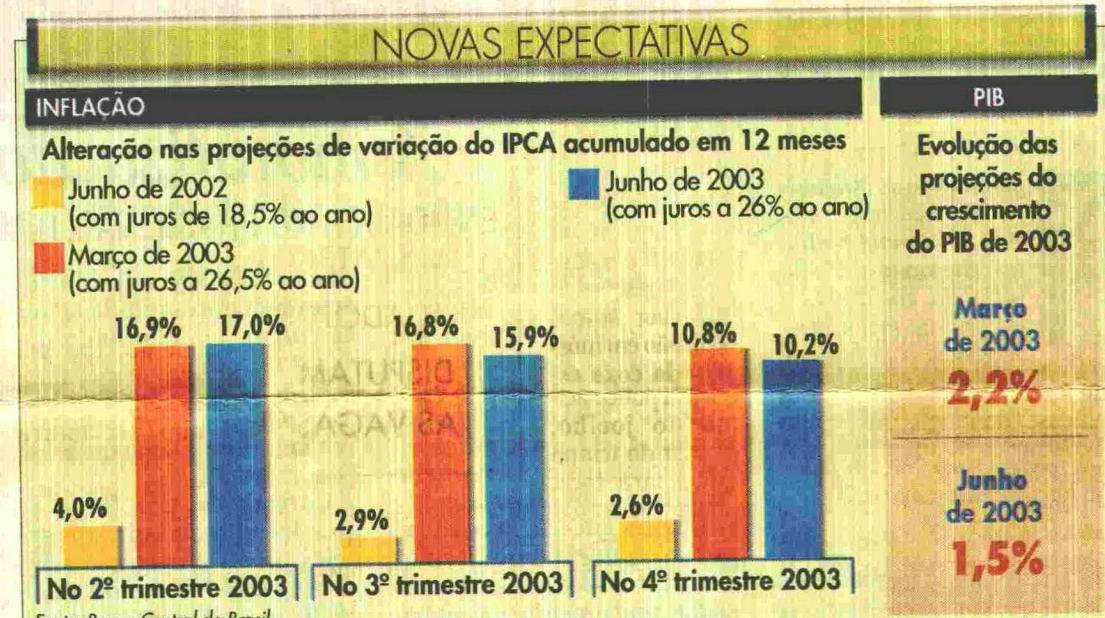
mandas agregadas". Isso porque, apesar do saldo comercial previsto para este ano, de US\$ 17,5 bilhões, ser maior do que os US\$ 13,1 bilhões de 2002, as taxas de crescimento das exportações nos próximos meses deverão ser inferiores à do segundo semestre de 2002.

Goldfajn aposta na retomada do consumo no segundo semestre do ano e também do aumento dos investimentos de alguns poucos setores que já operam no limite da capacidade instalada. De acordo com o relatório de inflação, dos 21 gêneros da indústria de transformação, apenas três ultrapassaram o nível de 90% de utilização da capacidade instalada, "sendo eles metalurgia, papel e papelão e borracha – setores mais ligados à exportação".

Nessa situação, espera-se que



Fábrica de celulose da Aracruz: setor de papel e papelão é um dos que devem retomar investimentos



os empresários mantenham o pé no freio neste ano em relação a investimentos. "Primeiro vem o consumo, depois o investimento. Alguns setores devem esperar um pouco para investir, mas o consumidor, hoje, já se mostra mais otimista em relação ao futuro do que estava no passado", argumenta o diretor, ressaltando que isso se deve em boa parte à redução das projeções de inflação.

Meta ajustada – Segundo Goldfajn, considerando as taxas de juros e de câmbio projetada pelo mercado financeiro, de 21,8% e R\$ 3,21 por dólar, respectivamente, a inflação em 2003 ficará em 10,8%, acima dos 10,2% do cenário base do BC, que leva em conta juros constantes de 26% e câmbio a R\$ 2,85. Em ambos cenários, no entanto, os cálculos do governo mostraram que o índice que serve de referência para o regime de metas de inflação (IPCA) está cada vez mais distante da meta ajustada de 8,5%. Com isso, 2003 será o ter-

ceiro ano consecutivo em que o Brasil não cumprirá a trajetória traçada para inflação. Ainda assim, Goldfajn prefere dizer que a meta de 8,5% é "ambiciosa" a admitir que o governo atualmente está mais preocupado com 2004 e já teria abandonado a meta deste ano. "Não vou dizer que abandonamos a meta de 8,5%. Reconheço que a projeção está acima e também que estamos olhando para 2004. Ela é uma meta ambiciosa, mas não é impossível", afirmou.